Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen – Marulyn Strathern (aula outubro 2019)

1. **Introdução**

Strathern A. e M. ao descrever o simbolismo dos adornos e encantamentos dos Hagen, afirmaram que esse povo estabelecia uma associação entre 2 pares de opostos:

- selvagem X doméstico

- masculino X feminino

Questionamentos dados a essa afirmação pressupuseram uma terceira dicotomia, não mencionada pelos Strarthern:

- Natureza x cultura

Pergunta de Strathern ? Por que extrapolar selvagem / doméstico para natureza / cultura? São noções de natureza e cultura específicas de um tradição intelectual específica dentro de nossa cultura. Mas essa demarcação, nesse sentido, não existem no pensamento Hagen.

**II . A ideia de natureza-cultura**

**II.1 – O que queremos dizer com natureza e cultura?**

**(Pensamento Ocidental X Pensamento Melanésio – Hagen)**

Ambos os conceitos devem ser vistos como extremamente relativizados – não há um dicotomia consistente entre natureza e cultura no pensamento ocidental, apenas uma “matriz de contrastes” em torno da convicção central de que os seres humanos “produzem” cultura que é exterior à sua própria “natureza”.

A dicotomia se “naturalizou” sobretudo a partir da ideia corrente nas ciências sociais de que “a sociedade e a cultura são produzidas por meio de uma ação empreendedora” (de transformação e controle da natureza).

Modelo “ecológico”: cultura que muda o ambiente e/ ou se adapta a ele - cultura é uma ordem instrumental (“sujeito”, “atividade”, “criação”, energia transformadora”) x natureza pensada como “ambiente” (“objeto”, “passividade”, “recurso”, limite).

Modelo “feminista” - a história e a cultura como luta pelo poder: associação entre “artefatos culturais” e “criatividade masculina” relega a mulher e o feminino a um estado “natural, passivo, objetificado

Cf. S. de Beauvoir: “a mulher como objeto privilegiado por meio do qual o homem subjuga a natureza: é objeto em relação a seu sujeito, é outra em relação ao seu eu e é ao mesmo tempo a imagem fixa de seu destino animal”

Cada modelo estabelece sua própria dinâmica –

- ecológico – a sociedade primitiva se debate com as mesmas preocupações de controle sobre o ambiente do ocidente industrial – um reflexo do grau de controle que sociedades reais tem sobre ambientes reais

- feminista – como o controle dos homens sobre as mulheres se imbrica num controle da “cultura” sobre a “natureza”, da “razão” sobre a “emoção”, etc – a sociedade é uma imposição ao indivíduo autêntico- natural, assim como as mulheres são dominadas pelos homens

A relação entre natureza e cultura não é estática, mas envolve sempre uma tensão : podem ser vistas como “olhares distintos e complementares”), podem se tornar um processo (a criança é socializada, o ambiente natural é cultivado, os animais domesticados etc), pode haver diferentes englobamentos entre natureza e cultura. É possível manter a oposição, invertendo o signos e valores atribuídos a cada termo em relação:

Indivíduo – matéria biológica – natureza a ser moldada, [feminina - “genuína”, verdadeiramente “humana”, “não contaminada”] x

Sociedade – cultura moldadora [masculina - ‘artificial”, “colônia

 **O gênero como operador**

No pensamento ocidental, o gênero pode de fato ser a metáfora fundamental que nos permite passar de um contraste entre cultivado e selvagem; para um contraste entre sociedade e indivíduo, ou cultura e natureza, e imaginar que estamos falando da mesma coisa.

“Através de símbolos, de estereótipos e do tratamento dispensado aos sexos, as pessoas tomam conhecimento de certas percepções da natureza”.

Mas não dá pra manter essa combinação estável

Às vezes: M é portadora da cultura, da civilização , da responsabilidade; H são desordeiros, antisociais, dominados pela luxúria animal

M – são aritficiais, contidas, voltadas para o outro

H – são espontâneos e vulgares

Mas

M – são particularistas, imperfeitamente socializadas, “familistas”

H- tem preocupações sociais mais amplas

(cf. Antígona)

Paradoxo reside em nossa percepção ambivalente:

-do natural como composto de recurso e potência

-do indivíduo como naturalmente limitado e agente livre que cria a cultura

**Ver figura 1 – 40 – algumas metáforas da cultura ocidental**

1. **3. Críticas à análise de gênero seguidas de uma nova crítica**

Será que os Hagen fazem isso (usam um eixo de metáforas e símbolos para operar um contraste entre natureza e cultura?; essas ideias são básicas para compreender rituais e o que as pessoas dizem que fazem? Será que é nesses termos que deve se entender o lugar do masculino e do feminino?

Inspira-se em ideias de Roy Wagner como contraponto:

1. “Cultura” é uma invenção conceitual nossa. As ideias que outros povos tem de si ou da sociedade podem estabelecer dicotomias diferentes
2. Visualizamos cultura por meio de uma **simbolização convencional –** “define e constitui uma distinção nítida entre seus próprios símbolos e ordens e o mundo de sua referência e ordenamento” (símbolos/sentidos X referência, ou representação X realidade)
3. Nós (Ocidentais) consideramos a simbolização convencional como uma esfera legítima da ação humana na classificação do mundo natural – um artifício humano
4. Outros (Melanésios) podem considerar que a ordem convencional é inata – dada, é o pano de fundo comum de similaridade a partir do qual se tecem particularidades e diferenças

Nossas próprias tradições científicas, que tem a coletivização como convenção, buscam coerência contrapondo-se a uma base comum de diferenças naturais

As convenções coletivas da vida social daribi são consideradas componentes dados da humanidade e do universo. Os indivíduos improvisam, diferenciando-se e particularizando-se em relação a essas convenções.

Nós enfatizamos a coletivização e os controles como “artifícios” que tem agir sobre motivações individualizantes e inatas.

Para os Daribi, não existe cultura no sentido de artefatos e regras que representam uma soma de esforços individuais; nem uma “natureza” a partir da qual esses elementos seriam formados

**Ver texto p. 43, 44 e 45**

O que acontece conosco, e que torna gênero um operador tão fundamental?

Ele é o passe de mágica por meio do qual é possível introduzir bases naturais (a diferença entre os sexos) para distinguir natureza e cultura, indivíduo e sociedade – um meio de legitimar o artifício (uma distinção artificial) fundamentando-o na ordem natural (como se fosse um dado no mundo).

Entre os Hagen, gênero também é um operador, mas não de maneira uniforme:

Categorizações explícitas;

Mbo (“doméstico") e mi (“selvagem)

Associado a Coisas apropriadas para homens (“masculinas”) e coisas apropriadas para mulheres (“femininas”)

Diferença que às vezes se manifesta como coisas pessoais e coisas sociais

A distinção mbo/romi é inata, no sentido de que é tratada como atributo do mundo dado.

Ela pode ser afirmada e descoberta, mas não **produzida**.

Contrasta conosco (“Ocidentais”), que achamos que estamos “produzindo a cultura” e desse modo criando a relação entre cultura e natureza.

Como lidar com essa distinção como artefato –

Para nós a simbolização convencional é uma questão de criatividade humana

Para os Hagen a relação mbo- doméstico e romi-selvagem é um axioma, eles não imaginam que um pode ser transformado no outro.

-como gênero é um operador simbólico fundamental para nós: serve para que tentemos legitimar o artifício – que é a própria noção de cultura e a distinção cultura / natureza – fundamentando-o na própria natureza.

Gênero naturaliza diferença e serve para tirar dela o seu caráter artificial, construído.

A diferença “verdadeira” é natural . A natureza é um dado e ao mesmo tempo diferenciante. A diferença de gênero – entre os sexos – é colocada em última instância na natureza. Os sexos são de ordem biológica. Por meio do artifício cultura/natureza criamos distinções irredutíveis

x

Gênero entre os Hagen

É um operador simbólico também

Entre os Hagen, distinções entre doméstico e selvagem, assim como diferenças fisiológicas constitutivas das pessoas são inatas e axiomáticas.

No entanto, é possível considerar que aspectos comportamentais ligados ao gênero são criados ou sustentados ativamente pela ação individual –

Isso dá outro “estatuto epistemológico” ao gênero, ou às distinções entre masculino e feminino- podem referir-se a

-um domínio de comportamento humano

-**o modo como homens e mulheres agem em suas relações (fronteiras entre relações podem ser mais manipuláveis)**

Assim, ‘as relações masculino – feminino [para os Hagen como para os Daribi] podem ser vistas como atos (intencionais, deliberados, conscientes) de diferenciação contra um pano de fundo de similaridade comum (a “alma”, a socialidade, a matriz de relações sociais que se objetificam na pessa).

Quando masculino e feminino formam esse tipo de oposição, há uma dialética entre os termos – a possibilidade de que pessoas ou coisas classificadas de modo individual possam ser perturbadas ou influenciadas por outras.

1. **O Caso Hagen**

**III.1 A dicotomia doméstico: selvagem**

**Mbo –** coisas e criaturas que são cultivadas (plantações, criação de porcos); pessoas nutridas e crescidas dentro do território do coletivo; redes de parentesco são o povo de base/ a raiz de cada qual.

É tudo que está associado a atividade humana, coisas e pessoas cultivadas e que são dotadas de atributos sociais

Refere-se a propriedades humanas de consciência e autoconsciência do domínio da interação humana, controle internalizado e solidário, fonte comum de sustento do que é “cultivado”

p. 47

Coisas cultivadas : coisas selvagens

Atibutos sociais : atributos solitários/ não sociais

Mbo poder ser “plantio”: enraizamento, o que acorrenta as pessoas à terra e às relações

Mbo pode ser criação de porcos: como o doméstico, como fonte comum de sustento, alimenta e faz crescer : filhotes alimentados à mão – coisas e pessoas alimentadas são possuídas de algum modo pelo alimentador e cultivador. - mas não internalizam tudo, por isso precisam às vezes ser tratados à força.

Nutrição, sustento, vínculos sociais – humanas, o doméstico – sociabilidade como propensão inata ao humano. A criança é mais “nutrida” do que “socializada”. Ela desenvolve nela mesma a sua maturidade social e toma consciência da humanidade avaliando o que a relação com outras pessoas envolve; mente, discernimento e consciência humana são inseparáveis de relações sociais.

O compartilhamento do sustento (nutrição) baseado na dependência é que cria vínculos sociais – X animais que procuram alimento para si mesmos, espíritos usurpadores, são criaturas “selvagens” – sem vículos.

Contraste com “comportar-se com um animal” = é cruzar uma fronteira, perder a consciência do sentido das relações sociais

O domínio do selvagem é, além disso, outro domínio de potencia, situado fora dos limites dessas relações que articulam criação e controle internalizado. – é o poder extrassocial

**Romi – forças selvagens – “espíritos” -**  É possível “negociar” com essas forças, jamais controla-las. Pode-se evitar que elas interfiram negativamente nas empreitadas humanas, mas infortúnios e casualidades acontecem. Não se pode destruir, não se tem a ideia de uma batalha generalizada contra essas forças. Especialistas em cura enviam de volta os espíritos a áreas a que pertencem, mas não os destroem.

Ver diagrama p. 49

Coisas e criaturas trazidas para dentro do circulo humano são “de casa”, “domésticas” – mas o doméstico por si só não equivale a um sentido de “cultura” ou de “social”; porque o doméstico pode ser apenas o trabalho voltado para a família e para as preocupações particularistas com a família, próprias das mulheres ( filhos, marido, criação, alimentação)

A oposição entte

Doméstico e social

Doméstico e estrangeiro

Não é associada ao conjunto de significados Mbo/ Romi

Mas tem a vem com outro domínio de classificação, como uma escala ou hierarquia de prestígio

Nyim – o que é prestigiado

Korpa – o que é desprezado

p. 57

**III. 4 As implicações do simbolismo de gênero**

**interesse doméstico se preocupa com nutrição e crescimento**

**Interesse social/ público se preocupa com a gestão da mente das pessoas [noman]**

**-**Mulheres são consideradas menos suscetíveis ao controle social, simbolizam o indivíduo autônomo com interesses autorreferentes (casa, família, porcos, plantio) –

São confinadas à casa, enraizadas no solo que cultivam – não perambulam pela zona extradoméstica

Colocam problemas de gestão para os homens

1. **Conclusões**